

# Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX

*Dagoberto Buim Arena*

## Resumo

No Rio de Janeiro, em 1906 foi criada a Confederação Operária Brasileira, e posteriormente, o seu jornal, *A Voz do Trabalhador*, editado entre 1º. de julho de 1908 e 9 de dezembro de 1909 (1ª. Fase); e entre 1º. de janeiro de 1913 e 8 de junho de 1915 (2ª. Fase), ambas sob o controle dos anarco-sindicalistas. Este artigo relata pesquisa realizada com o objetivo de verificar quais materiais de leitura eram recomendados por esse jornal, em sua primeira fase e as razões que motivavam essas recomendações. Os dados, organizados cronologicamente, indicam que as recomendações de materiais de leitura nasciam da necessidade criada nas relações das confrontações entre Capital e Trabalho.

**Palavras-chave:** leitura de anarco-sindicalistas; jornais anarco-sindicalistas; educação anarco-sindicalista.

## Abstract

In Rio de Janeiro, in 1906 the anarchistic- syndicalists created the Brazilian Worker Confederation and the journal *A Voz do Trabalhador* which was published from July 1<sup>st</sup>., 1908 until December, 9<sup>th</sup>. 1909 and between January 1<sup>st</sup>., 1913 and June 8<sup>th</sup>., 1915. The investigation which is presented in this summary contains the references to the objects of reading and the recommendations contained in the journal in its first period. The remarks related to the reading and their registered objects according to the edition in chronological order certify that the materials for reading and the reading produced by the workers, happened due to the necessity created in the social relations which were born in the confrontation between Capital and Work.

**Key-words:** anarchistic-syndicalists's reading; anarchistic-syndicalists's journals; anarchistic-syndicalists's education

## Introdução

As investigações sobre o movimento anarquista no Brasil, e em especial, sobre a sua manifestação nos sindicatos operários, conhecida como anarco-sindicalismo, foram objeto de preocupação de estudiosos brasileiros nas ciências humanas, de modo geral, na segunda metade do século XX, mas na Educação essas investigações foram produtivas nas décadas de oitenta e de noventa, principalmente pela organização dos arquivos, na Universidade Estadual de Campinas, pertencentes ao militante e jornalista anarquista, descendente de alemães, Edgard Leuenroth (1881-1968). Em 1985, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo com base nesses arquivos e nos materiais do Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasileiro, de Milão, Itália, publicou edição fac-símile da coleção de edições do jornal *A Voz do Trabalhador*, editado pela Confederação Operária Brasileira (C.O.B.), entre 1908-1915, no Rio de Janeiro.

Este trabalho procurará destacar registros, nessa coleção de *A VOZ DO TRABALHADOR*, sobre os materiais de leitura recomendados pelos anarco-sindicalistas e manifestações sobre locais de leitura para operários e seu incentivo, como necessidade fundamental para o desenvolvimento do tripé de princípios do movimento: educação, propaganda e rebelião. Para isso, todavia, o desenvolvimento deste artigo cuidará, rapidamente, do nascimento do movimento anarquista no Brasil, da fundação da Confederação Operária Brasileira; da criação do jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, seus objetivos e sua importância para a unificação dos anarco-sindicalistas do Brasil. Como instrumento de propaganda, por suas páginas, eram anunciados eventos político-culturais, organização de ações educativas, formais ou informais, e recomendações de leitura necessárias para a expansão do movimento com o objetivo de promover a rebelião. As manifestações culturais e os materiais de leitura utilizados pelos operários serão localizados nas edições do jornal, com o objetivo de indicar o tipo de leitura recomendado pelos operários anarco-sindicalistas brasileiros entre os anos na primeira metade do século XX, cujas conclusões poderão apontar a leitura como necessidade para compreender as relações econômicas e sociais no começo do século XX, como contraponto à hegemonia do pensamento burguês. Esta é a tese deste trabalho: a da leitura como necessidade de uma comunidade, nas relações que mantém com outras comunidades, utilizada como ferramenta de compreensão e de posicionamento político.

## **O movimento anarco-sindicalista no Brasil**

O desenvolvimento industrial do país nas primeiras décadas do século, sustentado pela mão-de-obra européia, principalmente formada por portugueses, italianos, espanhóis e alemães, trouxe também a expansão do pensamento político-econômico contra o Capital, cujos representantes destacados eram os socialistas e os anarquistas. Entre os libertários, a influência do sindicalismo francês desencadeou a elaboração de um movimento conhecido como anarco-sindicalismo, cujo objetivo era a negação de cooperativas e partidos políticos, como estratégias de luta contra o Capital, e recomendar a organização dos operários em sindicatos que constituiriam a organização para a destruição do Estado, do capitalismo, e âncora para a construção de um novo mundo (BIONDI, 2005; GHIRALDELLI, 1987).

Um dos fundamentos do movimento era o que chamavam de ação direta, isto é, a promoção de greves, motins, rebeldias no interior das fábricas, dirigidas contra todos os que participam da organização burguesa de sociedade, tanto indivíduos quanto instituições. As experiências com as lutas européias trazidas principalmente pelos italianos, que eram a maioria na Argentina, Uruguai e Brasil, contaminaram os anarquistas sul-americanos.

O movimento anarquista ao evoluir para o anarco-sindicalismo elaborou também as idéias a respeito das finalidades da educação operária; destacou o papel da propaganda no processo revolucionário contra o estado burguês, e, por essa razão, organizou eventos de natureza cultural e promoveu a expansão da circulação de jornais, panfletos, livros, revistas e outros materiais impressos. Nesse ambiente de cultura, de educação, de propaganda e de rebelião foram criadas as condições para a fundação da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e seu jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*.

### **A C.O.B. e A VOZ DO TRABALHADOR**

As disputas entre socialistas e anarco-sindicalistas, no Rio de Janeiro pelo controle do movimento operário e dos sindicatos resultou na negação, pelos últimos, dos congressos anteriores promovidos pelos socialistas, e a convocação de um grande encontro nomeado como Primeiro Congresso Operário, realizado em 1906. O artigo primeiro dos estatutos da

Confederação Operária Brasileira, recém-fundada, aponta, entre outras finalidades, a de

estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente de um jornal que se intitulará *A Voz do Trabalhador* (*A Voz...*, 01set. 1913, n. 38, p. 1).

A propaganda necessária para a expansão do movimento e da criação das condições para rebeliões exigia criação e circulação de jornais, panfletos, revistas e livros, portanto, todos os meios de propaganda conhecidos. Deste modo, a leitura desses materiais vincular-se-ia ao segundo princípio defendido pelo movimento: a propaganda, e, articulada a ela, a educação.

### **A Educação em A VOZ DO TRABALHADOR**

*A VOZ DO TRABALHADOR* tornar-se-ia, desde o primeiro número, divulgador do pensamento educacional dos educadores anarquistas europeus e da criação das escolas operárias pelo Brasil. Apesar de Robin (1837-1912), Faure (1858-1942) e Mella (1861-1925) expressarem com maior clareza as idéias da educação anarquista, foi o espanhol Ferrer (1859-1909) quem mais influenciou os brasileiros, interessados em defender e reproduzir os princípios e as experiências da Escola Moderna (ARENA, 1991). Criou a Liga Internacional para a Educação Racionalista da Criança e por ela publicou *L'École Renovée*, na França e a *Scuola Laica*, na Itália. Perseguido na Espanha, exilou-se na França. Posteriormente, de volta à Espanha, foi preso e fuzilado pela monarquia em 1909. Em novembro de 1909, a ação de propaganda estimulava a leitura de uma publicação sobre a vida desse educador, dirigida para todos os operários:

Ferrer. A comissão contra a reação espanhola publicou um número único explicando a ação do saudoso camarada no campo da pedagogia moderna. É uma obra de valor, que ninguém deve deixar de ler. Por nosso intermédio podem ser feitos pedidos para este número (*A VOZ...*, 15 nov.1909, ano II, n. 20, coluna 1, p. 4).

A preocupação com a educação dos militantes e de seus filhos manifestava-se pela tentativa de criação de escolas do povo, como alternativa à escola para o povo, na tradição burguesa, cuja elaboração deu-se nas lutas entre operários e burgueses na segunda metade do século XIX. As experiências de formulação de escolas criadas, dirigidas e fundamentadas na produção de conhecimento necessário para a luta de

classes aconteceram nas ruas e nas fábricas desse século, durante os processos revolucionários e, como afirma Foucambert (2004, p.6)

Uma escola só pode exercer o papel que se espera dela, como instrumento de libertação, ao romper com o modelo que se desenvolveu explicitamente na Europa no final do século XIX para encerrar a era das revoluções e para concluir a domesticação de seu proletariado, modelo que ela impôs ao mundo através do empreendimento colonial e depois adotado pelas burguesias nacionais ao longo de seu processo de autonomia.

Apoiados neste princípio de entender a educação como instrumento de emancipação do trabalhador, os anarco-sindicalistas organizaram suas próprias escolas, com a colaboração dos educadores cujas experiências tinham sido realizadas na Europa, para, de certo modo, alimentar o movimento iniciado na Comuna de Paris, em 1871, como sugere, atualmente, Foucambert (2004, p. 6):

É preciso retomar o trabalho no momento em que os proletários da Comuna de Paris (1871) perdem a esperança de uma escola do povo e têm que se submeter à escola para o povo que quer a burguesia. É desse ponto que é preciso recomeçar, da mesma forma que recomeçaram os pioneiros da nova educação e, sobretudo na França, Célestin Freinet.

## **A Propaganda e a leitura**

Amparados por uma rede internacional de informações, os militantes de melhor formação intelectual, entrincheirados nas redações dos jornais dos trabalhadores, recebiam e difundiam materiais de leitura específica para o fortalecimento do movimento e articulavam eventos para encenação de peças teatrais, conferências, ações diretas nas fábricas e festas-baile. O obstáculo maior era o analfabetismo historicamente produzido pela necessidade de a criança buscar o trabalho ao invés da escola, mesmo a burguesa. Outras estratégias eram utilizadas, de tal modo que os alfabetizados liam os jornais e folhetos em voz alta nos locais de trabalho ou na sede dos sindicatos para que a maioria, formada por analfabetos pudesse compreender as idéias e os métodos de luta.

A ação de propaganda expandia-se, entretanto por outras áreas da cultura e do entretenimento. Juntamente com o movimento pela expansão da educação operária, como contraponto à educação burguesa, os anarco-sindicalistas reuniam-se em grupos educativos, recreativos de teatro, musicais e até grupos futebolísticos, um dos quais criou o Libertário F.C., em Santos, SP, que disputou o campeonato estadual (BIONDI, 2005). As

atividades educacionais realizavam-se, muitas vezes, nos locais em que funcionavam Centro de Estudos Sociais que tinham como objetivo fundamental a difusão do movimento e de seus princípios por meio das manifestações artísticas musicais, teatrais e literárias, principalmente. Nesses locais, além das programações, havia mesas de leitura à disposição dos operários até às 22 horas. Aos domingos, aconteciam as Sessões de Propaganda Científica. (KASSICK; KASSICK, 2005).

Essas sessões e todas as demais atividades de propaganda tinham o objetivo de satisfazer o princípio da *ação direta* constituída por

atividades de propaganda e educação, destinadas a despertar nas massas a consciência das contradições sociais a que estão submetidas, fazendo com o que desejo e a consciência da necessidade da revolução surja em cada um dos indivíduos. Pode-se dizer que a principal fonte da ação direta foi a da propaganda, através dos jornais e revistas, assim como da literatura e do teatro (GALLO, 2005, p. 2).

A moção aprovada no 2º. Congresso Operário, realizado em setembro de 1913, enfatizava a necessidade de a propaganda ser realizada por todos os meios possíveis, entre eles, a divulgação de materiais de leitura:

Este Congresso aconselha aos sindicatos e às classes dos trabalhadores em geral, tomando como princípio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização das escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc. (AS RESOLUÇÕES, 1913, coluna 4, p. 4).

Eventos noturnos eram muito utilizados pelas organizações sindicais com o intuito de oferecer oportunidades para a formação da consciência do trabalhador, por palestras; pela arte engajada, com apresentações de peças teatrais e por atividades de conagraçamento e lazer, pela oferta de bailes.

## **Materiais de leitura em *A VOZ DO TRABALHADOR* entre 1908 e 1909**

Na primeira edição, na coluna destinada a notícias de modo geral, há uma convocação, dirigida para os ladrilheiros, concitando-os a lutar pela permanência da conquista da jornada de 8 horas, e, para isso, seria preciso

promover a instrução da categoria, e, para evitar o contra-ataque da burguesia, anunciavam a existência de

uma sociedade onde todos podem se reunir e combinarem os melhores meios para combater o mal a tempo, trocarem idéias e executá-las. Qualquer sócio que desejar instruir-se tem aulas noturnas para si e seus filhos, e uma regular biblioteca à sua disposição (A VOZ..., 01 jul. 1908, ano I, n. 1, coluna 4, p. 3).

A biblioteca, supostamente, teria acervo de livros, revistas e jornais orientados para a formação intelectual do trabalhador, como instrumento de propaganda, com o objetivo de orientar a ação direta na organização sindical e na luta no interior das fábricas. Por um outro caminho, comentários assinados por René Chaughi (1870-1926), anarquista francês, propunha a ampliação da instrução para combater a ignorância pregada pela Igreja, mas fazia essa recomendação aos republicanos e à educação, ao propor que

bastaria dar instrução a todas as crianças indistintamente até a idade de vinte anos e assegurar a sua subsistência durante esse tempo. Uma geração de homens e mulheres educados nas teorias científicas modernas estaria pouco inclinada a entregar seu dinheiro aos padres (CHAUGHY, R., 1908, coluna 1, p. 2).

A proposta da educação integral e a sua universalização até aos 17 anos, proposta pelo colunista, não foi colocada em prática durante o século XX no Brasil. Entretanto, a educação considerada informal era organizada em encontros periódicos, com o sugestivo nome de Festa Mensal, com programação em três partes, aos sábados, como a do cartaz abaixo reproduzido, em que a primeira parte era constituída por uma conferência sobre Educação Popular; a segunda, com apresentação de peça de teatro cujo tema era a vida dos militantes operários durante uma greve em 1903; e a terceira, com baile familiar, fechando o evento.

Centro dos Sindicatos Operários

RUA DO HOSPICIO N. 156, SOBRADO

FESTA MENSAL

Sábado, 22 de agosto de 1908

Às 8 1/2 horas da noite

**\* PROGRAMA \***

1.ª PARTE

CONFERENCIA sobre o tema

**A EDUCAÇÃO POPULAR**

2.ª PARTE

Pelo Grupo Teatro Livre 2.ª representação da peça  
em 3 actos da *Mova Assunção*

**O EXEMPLO**

Esta peça, que tem por assunto a malograda greve geral de 1903, apresenta, sem comentarios de doutrinação, varios quadros da vida do operariado militante carioca, de cuja derrota, naquela ocasião faz uma apoteose triumphal.

3.ª PARTE

**Baile Familiar.**

NOTA — O grande successo da primeira representação do *Exemplo* e mesmo varios pedidos neste sentido, motivam a repetição já desta peça.

— Os convites são encontrados nas varias secretarias das associações deste Centro, assim como com as pessoas que os costumam distribuir.

(A VOZ..., 01 ago. 1908, ano I, n. 3, columna 2, p. 4).

A edição n. 5, de 22 de novembro de 1908, trazia muitos anúncios de revistas, jornais e livros que poderiam ser adquiridos pelos trabalhadores, por intermédio do próprio jornal ou por livrarias indicadas. As publicações, destinadas à formação do operário militante, como instrumento de propaganda para a ação direta, podem ser assim categorizadas: 1. Livros, 1.1. romance – *A mãe*, de Maximo Gorki; 1.2. crônicas – *Notas de um anti-alcoolista*, de Mauricio de Medeiros; 1.3. políticos – *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, de Elisée Reclus; *Bases*



do *Sindicalismo*, de Emilio Pauget; *A Peste Religiosa*, por João Most; *O Comunismo Anárquico*, de Piotr Kropotkin (1842-1921); *O Sorteio Militar*, por César Mendes. 2. Revistas: 2.1. Educação – *La Scuola Laica*, de Francisco Ferrer; 3. Folheto: *A Jornada de 8 horas* – Folheto editado pela *Luta Proletária*; 4. Jornais e revistas com periodicidade variada, de diversos países: do Brasil: *La Lotta Operária*; *A Terra Livre*; *La Bataglia* (São Paulo); *A Luta* (Porto Alegre), da Argentina: *La Protesta* (Buenos Aires); do Peru: *Los Parias*; *El Hambriento*; do Uruguay: *La Emancipación*; *La acción obrera*; *Despertar* (Montevideo); do Paraguay: *La Rebeldía*; *Despertar* (Assunción) e de muitos outros de países europeus e da América do Norte. (A VOZ..., 22 nov. 1908, ano I, n. 5, colunas 3-5, p. 4).

O processo de edição e troca de livros, revistas e jornais entre países da Europa, América do Norte e América do Sul, em língua vernácula de cada país, permitia a orientação geral para todos os trabalhadores, sem que houvesse obstáculos criados pela falta de domínio da língua do país que recebia os imigrantes europeus. Os livros eram, quase todos, de autoria de expoentes do anarquismo internacional, com exceção de *A Mãe*, de Gorki (1868-1936), recomendado pelo teor revolucionário, enfatizado pelo anúncio: “Recomendamos a leitura deste extraordinário romance no qual Gorki pinta magistrais cenas da vida dos revolucionários russos” (A VOZ..., 22 nov. 1908, ano I, n. 5, coluna 4, p. 4).

Na edição n. 6, de 29.11.1908, outros livros eram anunciados, além dos jornais, revistas e livros anteriormente apontados: de Elisée Reclus (1830-1905), **El Hombre y la Tierra**, *fascículos semanais de 32 páginas com gravuras*; de Francisco Ferrer, **L'École Renovée**, com os seguintes comentários, em francês: *Revue pour l'élaboration d'un plan d'éducation moderne. Extension internationale de L'École Moderne de Barcelone*; do holandês Cristhian Cornelissen (1864-), **A Caminho da Sociedade Nova** – *interessante obra que devem ler todos os operários que desejarem instruir-se na questão social*; de Paulo Eltzbaeher, **As Doutrinas Anarquistas** – *interessante e utilíssima obra para todas as pessoas que se preocupam o estudo da questão social. Nela o autor expõe as doutrinas dos mais salientes representantes do anarquismo: Willian Godwin, Proudhon, Max Stirner, M. Bakunin, P. Kropotkin, Benjamin Tucker e L. Tolstoi* (A VOZ..., 29 nov. 1908, ano I, n. 6, colunas 1- 4, p. 6).

Os panfletos e folhetos, materiais de impressão e de circulação rápidas eram os mais difundidos porque atendiam às demandas conforme os acontecimentos políticos, sociais ou sindicais, mas todas as obras – livros, revistas, jornais ou panfletos recomendados para a leitura - tinham objetivo definido de instruir o trabalhador, criar as condições para seu desenvolvimento intelectual com o intuito de preparar a rebelião. Trata-se

de uma manifestação esclarecedora a respeito da leitura como necessidade, associada ao prazer de conhecer os pensamentos de natureza científica, na área das ciências humanas, mas não apenas ao prazer do deleite literário. A esse respeito, um anúncio, na mesma edição, apontava: *Livros em Espanhol. Antonio Domingues tem sempre um variado sortimento de livros de Sociologia, Literatura, Ciência e Arte, folhetos e jornais de propaganda* (A VOZ..., 29 nov. 1908, ano I, n. 6, coluna 1, p. 6).

No início de 1909, o governo brasileiro mobilizava a população masculina para o recrutamento militar obrigatório, alimentado pelo boato de que um confronto armado estava prestes a ser deflagrado entre Brasil e Argentina. O movimento anarco-sindicalista, por sua parte, desencadeava ações antimilitaristas, com distribuição de panfletos, como esta em Campinas:

A Liga Operária de Campinas fez espalhar profusamente em toda a cidade uma manifesto intitulado Guerra à Guerra onde reproduzia as resoluções tomadas pela Confederação Operária Brasileira exortando também a todos os operários a manifestarem-se contra a guerra e sua causa mais direta: o militarismo. Transcreveu também, em castelhano, aquele impresso que a União Geral de los Trabajadores da Argentina fez distribuir na Republica do Prata. [...] Na Escola Social, mantida pela Liga Operária de Campinas, deu-se feriado aos alunos, aproveitando-se a ocasião para o professor fazer uma alocação aos meninos sobre os motivos do feriado e sobre a guerra [...] (A VOZ..., 13.jan.1909, ano I, n. 8, coluna 3, p. 2).

Com o título *Os caixeiros querem trabalhar 12 horas*, o jornal manifestava-se contra a falta de organização sindical dos empregados do comércio e com a falta de tempo dedicada aos estudos e à instrução, necessários para o crescimento intelectual de cada um e do movimento, de modo geral:

Os empregados do comércio mal têm o tempo necessário de ler o anúncio publicado nos jornais marcando as horas de disciplina ensinadas em sua associação! Diz o conferencista. Assistir a aulas, ouvir falarem os mestres, são coisas para outrem e não para aqueles que mourejam desde que o sol nasce até que há muito desapareceu. Infelizmente falta-lhes também o tempo para, em suas associações, ocuparem de coisas mais sérias, que os analfabetos fazem conquistar (A VOZ..., 01 maio 1909, ano I, n. 10, coluna 1-2, p. 2).

Os artigos e noticiário publicados ocupavam, em 1909, todas as quatro páginas do jornal, impedido de crescer pelas dificuldades financeiras, e, por essa mesma razão, pouco espaço sobrava para os anúncios das obras para leitura, como ocorria no início da publicação. Na edição no. 14, porém, três anúncios divulgam materiais de leitura. O primeiro comunicava a fundação de um grupo de militantes com o objetivo “de divulgar entre os

operários as obras de propaganda e de conhecimento úteis, editadas em português, facilitando a sua aquisição pelo menor preço possível.” (A VOZ..., 08 jul.1909,n.14, coluna 2. p. 4). Além de divulgar, o grupo editaria folhetos, entre os quais *Entre Camponeses*, de Enrico Malatesta (1853-1932), famoso militante e intelectual anarquista italiano (A VOZ..., 08.jul.1909, n. 14, coluna 2, p. 4). Nessa mesma página anunciavam um folheto de 32 páginas chamado *Tributo de Sangue*, de Carlos Dias, considerado propaganda anti-militarista, e uma revista, considerada *Revista Popular de Orientação Racional*, com o nome de *Amanhã*, editada em Lisboa, com sede na rua dos Mouros.A edição de n. 15 voltava a anunciar jornais e revistas internacionais, com a inclusão de títulos novos, entre eles, *O Construtor Civil* de Matosinhos e *O Povo de Aveiro*; ambos de Portugal; vários de Buenos Aires, na Argentina; e da Espanha, *La Voz del Pueblo*, de Tarrasa, Barcelona e *Al Paso*, de Sevilha (A VOZ..., 22 jul. 1909, ano I, n. 15, colunas 1-2, p. 4).

Um dado intrigante é a recomendação para leitura do jornal *O Clarim da Luz*, órgão do Centro Espírita Caridade e Luz, Sorocaba, Estado de S. Paulo. Declaradamente, os anarquistas eram contra o Estado, Deus e a Religião, sobretudo, contra a Igreja Católica e seus procedimentos seculares. Ao divulgar, no entanto, uma obra espírita, os militantes acompanhavam uma conduta que esteve sempre presente nos movimentos de esquerda no Brasil, vinculados ao partido comunista, ou seja, a de contar entre seus militantes, de adeptos da doutrina dos Espíritos organizada pelo pedagogo francês Allan Kardec (1804-1869). Duas hipóteses podem explicar esse vínculo. A primeira, pela oposição que o espiritismo poderia fazer ao movimento clerical; e a segunda, por não considerar o aspecto religioso no conjunto da doutrina espírita, mas apenas o aspecto científico e o filosófico, com raízes socráticas e platônicas.

A edição n. 17 destacava a criação de uma publicação chamada *Liberdade*, cujo primeiro número traria artigos sobre as idéias anarquistas, poesia e arte: *O método Anarquista*, de Manoel Moscoso; *O Cavador*, poesia de Luiz Cebola; *A Arte e o Povo*, de Manuel Ugarte; *Os condenados*, de Manoel Moscoso; *Sobre Educação Integral*, de Deolinda Lopes Vieira; *Morte de Deus e do Diabo*, poesia de Gomes Leal e *Constatações Tristes*, de Ivan (A VOZ..., 30 ago. 1909, ano II, n. 17, coluna 1, p. 4).

A União dos Alfaiates anunciava, em setembro de 1909, sua nova sede e seus planos de funcionamento, entre eles o *de abrir as aulas de corte, aulas primárias e sala de leitura* e o de editar o jornal *O Alfaiate*, considerado como *um dos principais meios para a propaganda*. (A VOZ..., 30 set. 1909, ano II, n. 18, coluna 1-2, p. 4).

A edição seguinte trazia na primeira página, extenso artigo, intitulado *A Reação Espanhola: o jesuitismo a renascer*, sobre a prisão e o fuzilamento de Ferrer. Registrava o articulista que

[...] mais de 4.000 pessoas percorreram as ruas levando à frente uma bandeira negra e a seguir-se o retrato de Ferrer, noutra mais atrás ia o retrato de Afonso XIII, em grande uniforme manchado de sangue e, ainda, noutra tela se via o rei assassino descabelado e Maura, ambos degolados e todos salpicados de sangue [...] (SANTOS, R., 1909, colunas 1-2, p. 1).

Essa manifestação, organizada pela COB no Rio de Janeiro, demonstrava a admiração e respeito que tinham pelo educador espanhol que havia auxiliado, com suas obras, a criação das Escolas Modernas que se espalhavam pelo movimento anarco-sindicalista brasileiro, como alternativa à educação burguesa.

A repressão ao movimento incluía, também, o confisco de livros, como indica em nota, um articulista, na edição n. 20, ao afirmar que “[...] já é a terceira vez que na capital paulista a polícia civilista assalta a sede da Federação Operária e rouba os móveis e livros que possuía; em Santos, mais uma vez” (A VOZ..., 30 set. 1909, ano II, n. 19, coluna 1, p. 3). Se a polícia, por seu lado, reprimia a circulação de livros adquiridos e recomendados pelo movimento, os anarco-sindicalistas também censuravam o que consideram literatura burguesa, como registra o artigo de primeira página da edição n. 20, o qual apontava o debate frustrado a ser realizado no Grêmio Literário dos trabalhadores da fábrica de tecidos Bangu, no Rio, a respeito da obra educacional de Francisco Ferrer. Alertado pelos trabalhadores de que haveria um orador a criticá-la, militantes para lá se dirigiram, mas, temerosos do embate, segundo acreditavam, a sessão fora suspensa. Entretanto, o artigo narra o que lá presenciaram:

Havia um teatro e um grêmio literário, mas como é fácil de prever, aí não se trataria senão de representar peças patrióticas e de estudar a literatura burguesa. Uma biblioteca filosófica ou um palco social constituiriam um perigo para a burra dos proprietários. Daí a ausência de tudo que se relaciona com a ciência. Os burgueses de Bangu são inteligentes e astutos (A ESCRAVIDÃO, 15 nov. 1909, ano II, n. 20, coluna 2, p.1).

Em 9 de dezembro de 1909 foi publicada a última edição do que seria posteriormente conhecida como o final da primeira fase da publicação de *A VOZ DO TRABALHADOR*, cujo desaparecimento deu-se pelas dificuldades financeiras e de mobilização por que passavam os sindicatos e confederações operárias. Nessa edição, é possível destacar apenas uma nota a respeito da expansão do educador italiano Edmundo Rossoni (1884-1965):

Da capital não recebemos nenhuma informação direta, mas

sabemos que Rossoni foi expulso por querer ensinar, na escola de Água Branca, pelos métodos racionais. É a clericalhada a canalha governante que querem implantar o reino das trevas na classe operária. Mas não nos desanimará; no Brasil há muitos Rossonis que decerto não conseguirão expulsar. O progresso caminha! (A VOZ..., 09 dez. 1909, n. 21, coluna 2, p. 4).

Uma nova edição do jornal apareceria no dia primeiro de janeiro de 1913, quatro anos depois do fechamento, após a rearticulação do movimento anarco-sindicalista, coroado pela realização do II Congresso Operário Brasileiro, em que se debateram socialistas e anarco-sindicalistas, com a supremacia destes últimos. Essas edições entre 1913 e 1915 serão objeto de posteriores investigações.

## Conclusão

A introdução deste artigo anunciava o objetivo de verificar as manifestações e recomendações de leitura dos anarco-sindicalistas brasileiros veiculadas pelo seu órgão de imprensa confederativo, o jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, em sua primeira fase, entre 01.07.1908 e 09.12.1909, com o intuito de verificar o que recomendavam e por que recomendavam. A busca no período recortado, indicou que os operários publicavam anúncios e livros, jornais e panfletos, de teor revolucionário, com multiplicidade idiomática para atender a todos os imigrantes que no início do século XX tinham se instalado no Brasil. Para isso, criaram escolas e organizavam bibliotecas e salas de leitura nas sedes dos sindicatos, montavam livrarias próprias para adequar os preços ao poder aquisitivo do operariado.

A divulgação, todavia, não se restringia a panfletos e a folhetos impressos e divulgados com abundância, mas a obras de profunda reflexão produzidas por expoentes do anarquismo europeu; obras literárias e, sobretudo, obras teatrais encenadas nas sedes dos sindicatos que permitiam a participação até mesmo dos analfabetos. Deste modo, os materiais para leitura e a leitura produzida pelos operários deram-se pela necessidade criada nas e pelas relações sociais nascidas no enfrentamento entre capital e trabalho, tendo a exploração da força de trabalho como dispositivo detonador da busca pelos materiais que permitiriam a sua compreensão.

A leitura foi considerada, pelo movimento, ferramenta fundamental para atender às necessidades de preparação para as bases da rebelião, considerado o terceiro princípio orientador do movimento,

precedido pelo da educação e pelo da propaganda, no interior dos quais se abrigava a leitura.

## Referências

A ESCRAVIDÃO em Bangu. *A Voz do Trabalhador*, 15 nov. 1909, ano II, n. 20.

A-INFOSServiço de Notícias. Notícias sobre e de interesse para anarquistas. Memória anarquista do Centro Galego do Rio de Janeiro (1903-1922). Disponível em: <<http://ainfos.ca/http://ainfos.ca/index24html>>. Acesso em: 26 fev. 2005.

ARENA, D.B. *A Voz do Trabalhador (1908-1915) e a educação anarquista no Brasil. Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 21-32, 1990/1991.

AS RESOLUÇÕES do 2º. Congresso. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 39-40, 1913.

A VOZ do Trabalhador: orgam da Confederação Operária Brasileira: coleção fac-similar de 71 números, 1908-1915. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: *Imprensa Oficial do Estado*. Secretaria da Cultura: Centro de Memória Sindical, 1985.

BIONDI, LUIGI. *Anarquia e movimento anarquista*. Disponível em: <<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/textosdidaticos/htm/luigi.htm>>. Acesso em 26 fev. 2005

CHAUGHY, R. O perigo religioso. *A Voz do Trabalhador*, ano I, n. 3, 01 ago. 1908, ano I, n. 3.

FOUCAMBERT, J. Trata-se, de fato, de distribuir melhor a leitura? *Leitura: Teoria & Prática/Associação de Leitura do Brasil*, ano 32, no. 42 mar. 2004 – Campinas, SP. ALB; São Paulo: Global Editora, p. 7-8, 2004.

GALLO, S. *Anarquismo e filosofia da educação*. Disponível em: <[http://www.suigeneris.pro.br/edvarfiedade\\_anarquismo.htm](http://www.suigeneris.pro.br/edvarfiedade_anarquismo.htm)>. Acesso em: 26 fev. 2005.

GHIRALDELLI JR. P. *Educação e movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

KASSICK, N. B; KASSICK, C.N. *A Contribuição do pensamento pedagógico libertário para a história da educação brasileira.*–

<<http://www.insurgentes.vilabol.uol.com.br/contribuicao.htm> >. Acesso em: 26 fev. 2005.

SANTOS, R. A reação espanhola:o jesuitismo a renascer. *A Voz do Trabalhador*. 30.out.1909, ano II, n. 19.

**Dagoberto Buim Arena** é Mestre e Doutor em Educação pela UNESP, campus de Marília-SP. Professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação da UNESP em Marília-SP. Líder do Grupo de Pesquisa Grupo de Pesquisa: *Saberes e práticas da teoria histórico-cultural* – Linha: *Processos de leitura: apropriação e objetivação*. CNPq/FUNDUNESP/Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/UNESP. Endereço: Rua Guinetti Grassi, 255 – Bloco 1 – Apto. 133 - 17.527432 – Marília – SP. Telefones: (14) 3402,1327 ou (14) 34549303.

Recebido em: 07/01/2006

Aceito em: 20/02/2006